

Relatório de estágio no Hospital São Francisco do Porto

Community, MEDICINE, and science project

Joana Palos Seixas Martins

Faculdade de Medicina da Universidade Católica Portuguesa

ORCID ID: 0009-0001-4762-7279 @ s-jopamartins@ucp.pt; mail.joanaseixasmartins@gmail.com

No decorrer do convite por parte do Diretor António Almeida, foi-me proposta a apresentação do meu trabalho na primeira opcional do nosso segundo ano de medicina – mais especificamente um estágio clínico no Hospital São Francisco do Porto, baseado no meu relatório de estágio.

Para começar, creio ser importante refletir sobre o que me fez escolher esta opcional, bem como este hospital em específico. Acredito que uma das principais razões foi o simples facto de que tendo um curso de cariz tão prático é inevitável estarmos constantemente a debater e discutir sobre certas capacidades, as ditas *soft skills* que um bom médico deve ter – empatia, colaboração, profissionalismo, etc. Ora, a verdade é que as mesmas acabam por estar diretamente relacionadas com o contexto de hospital, com o contacto com o meio médico, com os doentes e com diferentes equipas.

Neste sentido, pensei que a melhor forma de pôr estas capacidades em prática seria de facto participar no dia a dia das atividades de um médico em Portugal, mesmo que ainda só estivesse no meu segundo ano de medicina.

E, dada essa possibilidade, pude participar num estágio no Hospital São Francisco do Porto com a duração total de 4 semanas.

É importante, desde já, perceber que o Hospital São Francisco do Porto pode não ser um dos principais hospitais desta cidade – tendo em conta que é uma instituição privada, com uma dimensão menor em comparação com os outros hospitais. Mas acredito que isto mesmo se tornou uma vantagem para mim como estudante – na medida em que me deu a oportunidade de realmente entender a estrutura e a organização do hospital de uma forma mais geral, como um todo, em vez de focar apenas numa especialidade, ou num assunto em específico.

Além disso, devido à sua dimensão, este hospital acabou por revelar um ambiente muito mais familiar do que o que estamos “habituaados” – a verdade é que quando olhamos em específico para os hospitais associados à nossa Universidade, verificamos que se trata de grandes grupos hospitalares – o que acaba por contrastar completamente com a minha experiência, o que foi outro ponto bastante importante para mim, na medida que tinha o objetivo de ter uma experiência única, aproveitando a oportunidade que esta opcional me oferecia.

No que respeita aos objetivos, antes do estágio, formulei a minha proposta de projeto – em que tentei ser o mais geral possível – não sabia o que iria ver, que especialidades teria possibilidade de assistir – por isso decidi formular os meus objetivos de forma a desenvolver as competências de que falei anteriormente.

Primeiro pretendia cobrir a parte da comunicação – focar-me na relação médico-paciente, as diferentes estratégias dos médicos, as abordagens às diferentes situações, como é que cada médico se adaptava a diferentes registos de consultas, ou mesmo entender o fluxo da consulta nas diferentes especialidades.

Queria perceber como é que estar nas diferentes especialidades pode influenciar o fluxo de consultas – ou se, de facto, existe uma estrutura específica que todos os médicos seguem.

Para além disso, queria também perceber um pouco mais em termos de como é feita a comunicação dentro do hospital – seja entre os diferentes médicos de uma só equipa, como também a comunicação que existia nas diferentes especialidades.

E, para terminar – queria também desenvolver meus conhecimentos médicos –, se o objetivo é passar 4 semanas no ambiente hospitalar, observar casos diferentes e abordar diferentes pacientes – um

dos meus maiores objetivos é ganhar mais conhecimento e experiência com esta oportunidade!

Focado-me agora no que fiz durante as minhas semanas de estágio, acho primeiramente relevante entender como funciona essa instituição. Este edifício é composto por uma Unidade de Consulta que engloba as diferentes áreas e especialidades que pude assistir, um piso onde podem ser realizadas análises e exames aos doentes, uma sala de enfermagem, vários blocos operatórios e um departamento de imagiologia (CCJ) dentro das instalações do Hospital, entre outros... Este hospital diferencia-se por estar associado a uma residência, a um lar que está em constante parceria com os serviços do hospital, não ter serviço de urgência, oferecendo em alternativa o SAP Adulto, “Serviço de Atendimento Permanente para adultos”, que permite aos doentes beneficiarem de cuidados de saúde em situações não programadas – das 08h00 às 20h00 – e onde os utentes podem encontrar especialistas de Medicina Interna, Cirurgia Geral e Ortopedia com o apoio das equipas de enfermagem do Hospital de São Francisco do Porto. Mas, fora isso, todos os pacientes urgentes que o hospital não tem capacidade para atender são encaminhados para os hospitais públicos.

Como referi brevemente, o meu estágio foi mais direcionado para um ponto de vista observacional, tendo em conta que ainda estava no segundo ano do curso. Mas, em geral, penso que posso dividir o meu estágio em 3 grandes áreas:

Consultas – Onde acompanhei 10 médicos diferentes, de 10 especialidades diferentes:

Medicina Interna (Dra. Alexandra Santos); **Otorrinolaringologia** (Dr. Ricardo Pereira); **Cirurgia plástica** (Professor Horácio Costa); **Anestesia** (Dr. Humberto Rebelo); **Ortopedia** (Dr. José Coutinho); **Dermatologia** (Dra. Catarina Queiroz); **Gastroenterologia** (Dr. Tércio Pinto); **Oftalmologia** (Dra. Rosário Varandas); **Urologia** (Dr. António Soares) e **Cirurgia pediátrica** (Dr. Joan Pinyot).

Nesta área, tive oportunidade de observar o dia a dia de consultas: as manobras e testes que são feitos em cada especialidade, observar o exame físico dos pacientes, ver a história clínica do paciente, e como os diferentes médicos tinham diferentes estratégias para recolher a história clínica de cada paciente, a comunicação médico-paciente.

Era nestes momentos que, com ajuda dos médicos e mesmo ao tirar notas e posteriormente fazer o meu trabalho de pesquisa, que se acaba por aprender e ganhar o máximo conhecimento médico possível – para além de ter tido a sorte de os médicos com quem estive muitas vezes me permitirem olhar para os diferentes exames que foram feitos, entender as diferentes técnicas de imagiologia que eram apresentadas pelos pacientes, ver a diferença entre um teste normal e o que realmente estava a acontecer – o que por si só me ajudou a tirar o maior proveito destas consultas.

Medicina interna – Além de ver algumas consultas com a Dra. Alexandra Santos, de Medicina Interna, também me foi dada a oportunidade de a acompanhar uns dias enquanto médica residente, nos quais tinha oportunidade de observar e interpretar a história clínica dos pacientes que estavam internados, ou que estivessem no lar ou na residência, estar em contacto com esses mesmos pacientes – e observar por exemplo o exame físico, rever a medicação dos pacientes...

Além disso, foi na medicina interna que me deram a oportunidade de visitar o departamento de imagiologia dentro do hospital – ver diferentes procedimentos, ver a preparação dos doentes pelo médico e técnicos, estar com a médica enquanto esta analisa as imagens que foram captadas (TAC principalmente), e ver como são feitos os relatórios depois.

Para além disto, a Dra. Alexandra acaba também por promover a minha aprendizagem por me fazer analisar de forma mais aprofundada a informação clínica dos doentes e com a sua ajuda tentar relacioná-la com os diferentes medicamentos que os doentes tomavam – algo que confesso ser uma das experiências mais gratificantes na minha experiência – no sentido em que permitiu relacionar o Problem Based Learning em que o meu curso se baseia e o dia a dia de um médico:

Dentro do nosso curso, nas aulas de Problem Based Learning é nos apresentado um caso clínico no qual as turmas acabam por ter de o interpretar, analisar, debater os pontos relevantes que temos de estudar sozinhos em casa (*self-study*) e depois na próxima aula debater o que cada um de nós aprendeu e recolheu de cada tema, ao mesmo tempo que o nosso tutor nos tira certas dúvidas pontuais, e nos ajuda a correlacionar a informação. Ou seja, ao

fazer este exercício com a Dra. Alexandra cheguei à conclusão de que de facto era como estar numa das minhas aulas! O que acabou por ser uma motivação para mim no sentido de perceber que, de facto, a forma como o nosso curso está estruturado tem uma razão de ser.

Bloco operatório – Por fim, mas não menos importante, tive também a oportunidade de acompanhar o Professor Horácio Costa, de Cirurgia Plástica, e a sua equipa médica em vários dias no bloco operatório.

Pelo menos dois dias por semana, tive oportunidade de assistir a um total de 13 cirurgias plásticas de várias condições, muito diferentes entre si: desde lipoaspirações e mastectomias a excisões de cicatrizes, remoções de tumores; e até mesmo um dedo do pé ser colocado na mão por razões estéticas. Para além disto tive também oportunidade de assistir a 2 operações na área da oftalmologia.

Ver cirurgias tão específicas e ter médicos e enfermeiros que estavam continuamente a verificar se eu estava a perceber a cada passo do caminho ajudou-me a ganhar o máximo com esta experiência. Para além disto, tive a oportunidade de conhecer e aprender um pouco mais sobre o trabalho que está por trás de preparar uma sala de cirurgia – com a ajuda das enfermeiras, pude ver não só o que se passa antes de os médicos chegarem para fazer a cirurgia, mas também como funciona a esterilização, como é que acontece o acompanhamento do paciente – e com isto obter um conhecimento mais amplo sobre como as cirurgias são realizadas no hospital e como tudo está organizado.

Refletindo sobre os meus objetivos, e sobre o que aprendi sobre os mesmos, penso que um dos grandes objetivos de reflexão da minha proposta de projeto era a comunicação: não me parece difícil concluir que, ao ver diferentes médicos no seu ambiente de consulta – e compará-los vagamente entre si, tendo em conta as diferentes complexidades e situações que foram apresentadas –, compreendo que, de facto, cada um deles tem a sua própria personalidade, um tipo e estrutura de consulta diferente, e vários anos de experiência – o que acabou por refletir sobre a forma como lidavam com os doentes, e as suas abordagens globais.

Enquanto alguns médicos criavam uma relação de confiança a ouvir atentamente o paciente durante a consulta, outros focavam-se mais na sua estrutura normal da sessão e esperam até ao final para finalmente perguntar ao doente como se sente, e

se há algo mais que o esteja a incomodar para que possam ajudar, ou fazê-lo perguntando ao doente se compreende o que o está a ser dito e tentar explicar várias vezes durante a consulta, adaptando a sessão com desenhos e modelos para que o doente saia da consulta a compreender totalmente a situação em que se encontra e as diferentes opções possíveis.

Consegui compreender as diferentes dinâmicas nas diferentes especialidades – mas sobretudo que médicos em especialidades tão diferentes – com níveis de complexidade tão diferentes – adaptam o seu discurso e transmitem a informação ao paciente de forma distinta: é diferente dizer ao paciente que ele tem otite aguda ou um cancro com indicação de cirurgia. Duas situações diferentes, marcantes para as pessoas que as vivem, mas com complexidades diferentes – que exigem dos médicos estratégias diferentes – de introduzir o tema, falar sobre ele, etc...

Dito isto, percebi que não se pode esperar uma só estratégia ou uma estrutura rígida em termos da consulta por parte de todos os médicos. Pelo contrário, tem de haver uma adaptação da consulta para que: por um lado seja feito tudo o que é necessário para o doente, mas por outro lado a consulta seja adaptada da melhor forma.

Outra coisa que me marcou bastante foi também a relação entre os médicos e as diferentes especialidades. E não podendo comparar a minha experiência com outros hospitais, uma vez que ainda não tive experiência hospitalar fora do Hospital São Francisco do Porto, acredito que esta parceria é de louvar, e noutros contextos pode não ocorrer com a frequência que deveria, e como acontece neste hospital.

Por exemplo, estando numa consulta de otorrinolaringologia, o médico muitas vezes recomenda consultas psicológicas ou acompanhamentos – duas especialidades que não estão diretamente relacionadas, ou alguém fora do ambiente médico não correlacionaria, mas em profundidade estão de facto ligadas. Ou por exemplo o facto de em áreas que podem ter implicações generalizadas – haver o cuidado de tentar relacionar o caso com outras especialidades que lhe são oferecidas no hospital: havendo o cuidado de fazer consultas conjuntas, onde em vez de apenas um médico, de uma especialidade médica, temos vários médicos que discutem o caso com o paciente – o que ajuda em termos de procurar qualquer tipo de dificuldade ou mesmo

debater se existe alguma solução melhor para o paciente.

Neste sentido, há uma grande valorização em termos da opinião de outros médicos, e uma preocupação em pedir sempre uma segunda opinião, mesmo que seja a outros colegas da mesma especialidade dentro do hospital.

Para concluir,

Muitas são as expectativas de um estudante de medicina no primeiro contacto com o ambiente hospitalar, de conhecer a dinâmica e até o próprio dia a dia de um médico. E talvez por essa mesma razão acabei por encarar cada momento deste estágio como uma oportunidade única, irrepetível.

Gosto de acreditar que todos os objetivos a que me propus foram cumpridos ao considerar a totalidade do meu estágio, mesmo que alguns tenham de facto tido aplicações mais práticas que outros. Penso que no final, após estas 4 semanas, posso concluir que esta disciplina contribuiu excecionalmente para a minha formação profissional: o contacto diário com doentes em situação de consulta contribuiu não só para aprofundar os meus conhecimentos sobre a realização de uma consulta, como para perceber as diferentes abordagens dos médicos e ganhar mais conhecimento sobre as condições e patologias que me foram apresentadas. Mas para além disso, este estágio acabou por se refletir em termos do meu desenvolvimento pessoal, e ajudar-me a refletir uma vez mais sobre a forma como o nosso curso é construído e estruturado e como é que todas as competências que nos são ensinadas nos vão ajudar e impactar nos nossos anos futuros como profissionais de saúde.

Posso apenas agradecer a todos os médicos e enfermeiros, bem como a tantos outros profissionais de saúde que, não tendo qualquer relação direta com a Universidade, me acolheram e orientaram durante toda a duração do meu estágio em todas as etapas do caminho, e com isso me permitiram tirar o máximo partido do meu estágio.

Um agradecimento especial ao Professor Horácio Costa por me ajudar na organização das consultas, encaminhando-me para as diferentes especialidades e dando-me a oportunidade de passar o máximo de tempo possível com a sua equipa no bloco operatório; bem como ao Diretor de Enfermagem Dário Miranda e ao Diretor-Geral Luís Cherpe por me permitirem ter esta experiência no Hospital São Francisco do Porto.

Assim como à Faculdade de Medicina da UCP, a minha universidade, por ter permitido que eu e muitos outros alunos tivéssemos esta experiência educacional num momento tão inicial do nosso curso de medicina. 